

Nessa época, já existia uma preocupação entre as lideranças, expressa em vários textos, de procurar evitar a *simplificação e massificação dos novos elementos e idéias* - pois o Movimento parecia estar se expandindo a ponto de tornar-se um *organismo de massas*. Acreditavam ser capazes de constituir um programa educacional que de fato preparasse os jovens para a vida *chalutziana* de forma consciente, convicta, baseado em debates e práticas sistemáticas de estudo que justificassem intelectualmente as idéias, resolvessem dúvidas e conduzissem à realização em termos concretos das suas posturas ideológicas.<sup>36</sup>

Três grandes acampamentos do Dror ocorreram em 1948. No de janeiro, realizado em Petrópolis, antes ainda da proclamação do Estado, estavam presentes representantes de todos os núcleos do Movimento no Brasil; aproximadamente 30 *chaverim*, rapazes e moças entre 14 e 20 anos, foram por São Paulo. Nessas ocasiões, os *chaverim* não só se envolviam em discussões que definiam os pressupostos e os rumos do Dror como também eram capazes de ter uma idéia de sua força e capacidade de organização. Em agosto, no II Congresso do Dror no Brasil, ficou decidida a criação de um *kibutz-hachshará* - uma propriedade rural em que os jovens mais velhos, decididos a ir para Israel, passariam um ano se preparando para a vida kibutziana. Lá, procurariam capacitar-se para participar das atividades produtivas do kibutz (trabalhando a terra, criando animais), viver coletivamente (sem a circulação de dinheiro, sem propriedade privada), falar o hebraico e conhecer mais sobre o sionismo socialista, as condições e a cultura do novo país.<sup>37</sup>

Meio ano depois, o Dror inaugurava o Kibutz Hachshará Ein Dorot (Fonte das Gerações), a 16km da cidade de Jundiá (SP). O primeiro grupo a ingressar nessa Hachshará era composto por 40 *chaverim*, moças e rapazes, com idades entre 20 a 27 anos.<sup>38</sup> A partir daí, a cada ano, o Movimento forneceria um novo grupo à sua Hachshará.

O Dror, então, já possuía uma orientação mais definida, uma unidade maior de pensamento e um nível de organização surpreendente que fez, entre outras coisas, com que ocorressem no ano de 1949 seminários educativos organizados por jovens enviados pela Direção em quase todos os seus outros núcleos (Rio, Santos, Porto Alegre, Belo Horizonte, Niterói e Curitiba). Neste mesmo ano, a revista *Dror*, em seu primeiro número, afirmava que o Movimento no Brasil contava com 1500 membros<sup>39</sup>. Em linhas gerais, o Dror definia-se, já nessa época, como um movimento juvenil, judaico, sionista, socialista, kibutziano, educativo, cuja finalidade era preparar os jovens judeus para a vida coletiva do kibutz em Israel.

## 1.2. Estrutura do Movimento

O Dror, juntamente com outras instituições sionistas, era ligado a uma organização maior chamada Organização Sionista Unificada (ou Unificada Sionista) que, por sua vez, era o braço brasileiro da Organização Sionista Mundial (cujo órgão executivo responsável por coordenar as organizações sionistas nos diversos países do mundo, ligando Israel à Diáspora, era a Agência Judaica ou *Sochmut*, em hebraico). A Organização Sionista era um dos apoios financeiros e políticos do Movimento juvenil, mas, conforme a unanimidade dos depoimentos, não interferia na orientação ou nas atividades desenvolvidas pelos *chaverim*. Nas palavras de um ex-dirigente do Dror, *não lhes prestávamos conta ou recebíamos qualquer ordem deles*.

Em cada cidade em que atuava, o Dror possuía uma sede, *snif* (núcleo, unidade organizacional básica). Cada *snif* era composto por grupos básicos de estudo e atividades, as *kvutzot* (plural de *kvutzá*), mistas, espalhadas pelos bairros, com 10 a 20 *chaverim* cada uma (geralmente do mesmo bairro ou região) e divididas de acordo com as faixas etárias, *shichavot*. Por exemplo, em 1952, as faixas etárias ou camadas de idade recebiam denominações em hebraico e distribuíam-se em: 11 a 13 anos (*shichvá* dos *tzofim*); 13 a 15 anos (*shichvá* dos *solelim*); 15 a 17 anos (*shichvá* dos *bonim*); 17 a 19 anos (*shichvá* dos *maapilim*); 19 a 23 anos (*shichvá* dos *magshimim*)<sup>40</sup>. A trajetória de um *chaver* dentro do Movimento seria ingressar em uma *kvutzá*, onde encontra crianças da mesma faixa etária, e acompanhar seus companheiros da mesma *kvutzá* até os 19, 20 anos ou um pouco mais quando, teoricamente, iriam juntos para Israel. Como todos de uma mesma *kvutzá* cresciam juntos, avançavam juntos. Portanto, cada um pertencia a uma *kvutzá*, em geral, composta por pessoas do bairro em que vivia e da mesma idade ou muito próxima. A divisão em camadas de idade era considerada essencial para o cumprimento das finalidades educativas. Isso, entretanto, não impedia que o ingresso das pessoas no Movimento ocorresse em idades variadas.

As garotas entravam nas *kvutzot* um ano mais novas que os garotos, pois o Movimento reconhecia que o desenvolvimento da maturidade é anterior nas meninas que nos meninos.<sup>41</sup>

O *chaver* (companheiro, membro do Movimento) ligava-se ao Movimento através de sua *kvutzá*, que se reunia uma vez por semana ou mais para atividades recreativas ou culturais. Cada *kvutzá* era orientada por um instrutor, também jovem, mas mais velho (de uma *shichvá* superior), o *madrích* (que, por sua vez, também pertencia a uma outra *kvutzá* orientada por outro um instrutor mais velho). Ou seja, o *madrích* (instrutor, guia) de uma *kvutzá* era *chanich* (educando) de outra. Os *madríchim* reuniam-se em seminários de educação conforme a faixa etária de seus *chanichim*. Cada seminário possuía um coordenador e os coordenadores unidos formavam o Departamento de Educação do Movimento, que discutia e avaliava os programas educativos e sua aplicação cotidiana.

O Dror, apesar de ter uma organização educativa estruturada, colocava-se contra a burocratização, buscava a *simplicidade* e (infelizmente para o pesquisador dos anos 90) evitava o que considerava excesso de fichas, cadernos, apostilas e relatórios. O Movimento achava necessárias apenas três instâncias educativas:

- os *Chuguim Hamadríchim* (seminários de educação que reuniam, semanalmente, em cada cidade, os *madríchim* de uma mesma *shichvá* para a discutirem problemas específicos de cada faixa etária e receberem orientação de um coordenador para o trabalho nas *kvutzot*);
- o *Vaad* (conselho dos coordenadores de cada *chug* cuja função era tratar de questões gerais, recomendar novos *madríchim* e mudanças de *shichvá* de cada *kvutzá*; dirigido pelo encarregado da educação do *snif*, que funcionava também como elemento de ligação dos coordenadores com a *Maskirut*, o *Vaad* submetia suas decisões gerais à aprovação da direção do *snif*);
- o *Kinus Chinuchí* (congresso educacional anual, com representantes de todos os *snifim*, cujo objetivo era elaborar e avaliar os fundamentos, programas e metodologias empregados e planificar o trabalho educativo do Movimento por um período longo).<sup>42</sup>

A direção executiva do *snif* estava a cargo da *Maskirut* ("Secretaria", direção local) eleita pelos membros do *snif* com mais de 16 anos<sup>43</sup> reunidos na *Assefá Klalit* (uma

assembléia geral, anual, de cada *snif*).

Depois que o Movimento já estava mais estruturado, a idade aproximada para o *chaver* optar pela emigração e ingressar na Hachshará passou a ser 18 anos, mas sua partida poderia ser adiada caso o Dror precisasse de sua militância no Brasil.

A constituição do Movimento assumia a forma de pirâmide, com um número maior de *chaverim* mais novos e menor de *chaverim* mais velhos, a vanguarda que se encaminhava para a vida de kibutz em Israel. As atividades proporcionadas pelo Dror para os mais novos, segundo os depoimentos, atraíam muito as crianças e recebiam apoio total dos pais. Com o passar do tempo, conforme os *chaverim* sentiam que o Movimento lhes exigia um maior comprometimento e, por fim, *uma mudança radical no estilo de vida*<sup>44</sup>, muitos o abandonavam, restando um número menor de jovens nas camadas de idade superiores, que em geral faziam parte da liderança do Dror.

A direção executiva do Movimento em cada país cabia à chamada *Hanagá Artzit* (Direção Geral)<sup>45</sup>, eleita de forma direta pela assembléia reunida no *Kinus Artzit* (Congresso Territorial), em que tinham direito a voto os membros acima de 17 anos. A *Hanagá* era composta por um “secretário geral”, o *maskir rashi*, e por secretários encarregados da coordenação das diferentes áreas de atuação (“educação”, “finanças”, “publicações”, “relações com outras entidades” e “questões relativas aos *chaverim* próximos da aliá”). A *Hanagá*, sediada em São Paulo, também encarregava-se de propor o envio de membros do Movimento (os *shlichim*, enviados) para tarefas educacionais e administrativas em outras cidades. Colaboravam na direção do Movimento eventualmente *shlichim* de Israel e *chaverim* que voltaram do estágio em Israel, o *Machon*.

As diretrizes gerais do Movimento no Brasil eram aprovadas no *Kinus Artzit* que ocorria uma vez por ano. Nesse congresso, além dos delegados da Hachshará, todos os *snifim* estavam representados proporcionalmente. Os debates antecederam as decisões tomadas por votos (vence a maioria) e deveriam ser acatadas por todos. O *Kinus* durava por volta de 5 dias, tempo em que os participantes ficavam acampados em uma fazenda ou sítio emprestado para o evento. No mesmo período, alguns dias antes do Congresso Territorial, o Movimento aproveitava para realizar seu Congresso Educacional, o *Kinus Chinuchí*, ocasião em que eram discutidos os princípios educativos e as linhas dos programas educacionais; suas resoluções deveriam ser ratificadas pelo *Kinus Artzit*.

A instância superior do Movimento, em nível mundial, era a *Veidá Olamit*, que se reunia uma vez a cada 3 anos contando com a participação de representantes do Movimento de cada país; a direção executiva mundial era a *Hanagá Elioná*.

Financeiramente, o Movimento se mantinha de vários modos, apesar de ou exatamente por viver se equilibrando na corda bamba das entradas quase sempre inferiores às necessidades. Um deles era o *mass chaver*, uma taxa paga pelos *snifim* com o dinheiro recolhido mensalmente dos seus *chaverim*, a quantia era mínima e os mais pobres não precisavam pagar. Entretanto, como eram centenas de pessoas, o Dror obtinha uma entrada *firme e regular*. Por ocasião dos acampamentos, o Dror também cobrava uma quantia paga pelos pais dos *chanichim*, mas, discretamente, isentava os que não tinham dinheiro suficiente. Outra forma de renda era a venda de rifas e bônus junto à comunidade judaica, especialmente entre os lojistas, *pelo valor que as pessoas estavam acostumadas a aceitar esse tipo de coisa*. Havia também os *Amigos do Movimento*, pessoas que colaboravam financeiramente com a juventude engajada e os simpatizantes adultos que emprestavam

seus sítios e fazendas para as reuniões do Dror. Para conseguir dinheiro, o Movimento também promovia, em certas ocasiões, espetáculos de dança e festas, vendia vinho de *Pessach* sob encomenda ou fitinhas desenhadas com motivos judaicos. Adultos militantes do Movimento Sionista no Brasil, do Poalei Tsion e das Pioneiras, embora tivessem um contato muito discreto com os movimentos juvenis e, segundo os depoimentos, nada interferissem em sua política interna, também davam apoio econômico ao Dror. Organizações sionistas proporcionavam a vinda de *shlichim* de Israel para o Brasil e bancavam os *chaverim* no Machon sem custos para o Movimento. Senhoras da Wizo e das Pioneiras colaboravam, por vezes, cozinhando ou mandando doces para os jovens nos acampamentos, costurando seus uniformes ou angariando fundos para os droristas. Parentes de *chaverim* na Hachshará levavam comida e remédios em suas visitas.

Desde os primeiros tempos, havia no Dror um esquema mais ou menos informal de caixa comum em que os *chaverim* mais velhos depositavam parte de suas mesadas ou do salário que ganhavam com seu trabalho (como professores, trabalhadores de gráfica, operários, secretárias etc.). Quando foi criada a Comuna (*Shituf*), em 1950, o esquema de caixa comum tornou-se oficial e mais organizado, embora as pessoas continuassem livres para contribuir como quisessem. O dinheiro da Comuna servia entre outras coisas para sustentar os dedicados à militância integral no Movimento.

Eu era professora no Renascença e ganhava cr\$1500,00 - que era um salário mínimo de um operário - com 3 horas de trabalho - esse dinheiro dava justo para eu pagar o café da manhã e o aluguel, mas pouco sobrava para contribuir com o Shituf. Então, eu completava dando aulas particulares para alunos atrasados nos estudos em suas casas, com isso, eu ganhei muito dinheiro que eu dava integralmente para o Shituf. Do Shituf, a gente recebia o dinheiro que precisava para aluguel, almoço, janta, condução, e uma ou duas vezes por mês para ir ao cinema. Portanto, já nessa idade a gente começou a ter uma caixa comum para aprender a se virar e viver com o que tinha. [22]

A partir de meados dos anos 50, o Dror fazia alguns trabalhos simples *para fora* em sua pequena tipografia, mas continuava dependendo da boa vontade das organizações sionistas. Segundo um *ex-maskir*, *a maior parte do dinheiro vinha dessas organizações, se a gente vivesse só do que ganhava morreríamos de fome... nós tínhamos uma sede e precisávamos pagar aluguel além de muitas outras despesas.* A Organização Sionista propriamente dita também tinha uma verba para os movimentos, cuja quantia variava de acordo com o tamanho de cada um.

Na época em que os *chaverim* tinham aulas na escola ou colégio, suas atividades principais no Movimento eram as reuniões semanais das suas *kvutzot*, das que participavam como *chanichim* (educandos) ao lado de seus companheiros com idades próximas e das que participavam como *madrachim* (instrutores). Nessas reuniões, havia no mínimo uma *sichá* (“aula”, explanação) sobre um determinado assunto que poderia ser seguida de discussão ou alguma outra atividade. O tema e o conteúdo das reuniões variavam conforme a faixa etária dos membros da *kvutzá* aumentando gradativamente o grau de dificuldade e abstração (por exemplo, os mais novos brincavam, desenhavam, ouviam palestras didáticas e liam contos, os mais velhos comentavam a respeito de livros, estudavam, debatiam, monitoravam, escreviam). Além das reuniões programadas nas *kvutzot*, havia atividades extras organizadas por e para quem tinha mais disponibilidade. Em geral, as *kvutzot* se reuniam nos fins de semana. Entre as atividades do Movimento também havia danças,

canto, representações teatrais, passeios, idas a museus e teatros. Diferentemente do esquema que conheciam no ginásio ou colégio, onde predominavam as aulas expositivas, os jovens do Movimento eram convidados a participar ativamente nas reuniões de sua *kvutzá*.

Além das atividades específicas de cada *kvutzá*, havia atividades conjuntas das *kvutzot* da mesma *shichvá* (camada de idade) e de todos os *chaverim* da mesma cidade, tais como comemorações de datas judaicas ou do movimento operário. No período de férias escolares, o Dror realizava seus grandes acampamentos (*machanot*) com atividades intelectuais (palestras ideológicas e educativas) e físicas e seus congressos (em que se fazia um balanço da situação do Movimento e um planejamento para o próximo período).

Quase todos os *chaverim* participavam do chamado *proselitismo*, que incluía todas as formas empregadas para conseguir mais adeptos para o Dror, convidando outros jovens para as reuniões e acampamentos ou convencendo os pais de crianças e adolescentes a permitirem a participação de seus filhos. Assim, o Movimento garantia sua reprodução.

### 1.3. Os *chaverim*

#### 1.3.1. Origem familiar

Histórias de vida distintas diferenciam os jovens judeus do Dror impedindo que sejam tratados como um grupo homogêneo; por outro lado, podem ser vistas como peças do mosaico que retrata o processo de imigração e integração dos judeus no Brasil na primeira metade do século XX.<sup>46</sup>

A maioria dos *chaverim* era constituída por filhos de imigrantes vindos da Rússia, Polônia, Ucrânia, Lituânia e Romênia, na década de 20 e início dos anos 30, procurando escapar das dificuldades econômicas e das privações e sofrimentos impostos pelo anti-semitismo. (Boa parte deles, especialmente os que ingressaram no Movimento na década de 50, havia nascido no Brasil). Chegando ao novo país, seus pais, desqualificados profissionalmente e sem recursos para montar um negócio, frequentemente tornaram-se mascates. Vendiam as mais variadas mercadorias, que carregavam em pacotes ou malas, de porta em porta, roupas, tecidos, gravatas, cobertores, quadros... (Valia de tudo para conquistar freguesia, até imagens de santos católicos... *Santa Luzia, protetora dos olhos, Santo Antônio, casamenteiro*...). Ainda que variassem quanto a seu passado e grau de formação, a necessidade da sobrevivência, a dificuldade com a língua e a mudança brusca de ambiente igualavam esses rapazes e, muitas vezes já, pais de família, que se dedicavam ao pequeno comércio do *clintelchik* (venda a prestações, de porta em porta) lutando para melhorar de vida. As mulheres, que vinham junto ou eram chamadas depois pelos pretendentes ou maridos, desdobravam-se para multiplicar as economias e cuidar das crianças. Algumas delas também trabalhavam como costureiras, manicures, professoras ou cozinhavam para pensionistas procurando aumentar o orçamento doméstico. A solidariedade do grupo - traduzida em atos como receber e hospedar os imigrantes, apresentar fornecedores e clientes, financiar mercadoria, ajudar com a língua, as operações financeiras, a vinda de parentes, o aluguel de uma casa - também contava para o sucesso dos mascates judeus. Com muito trabalho, os lucros obtidos nas vendas à crédito e